



OS CAMINHOS DE JOÃO AUGUSTO:

por um teatro crítico,
popular e pelo povo

RICARDO SIZILIO

Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Direitos Humanos, mestre e doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia. É autor do livro *Vai, Carlos, ser Marighella na vida*, publicado em 2019, e organizador do livro *Bahia: política e sociedade (1930-1940)*, lançado em 2022, ambos pela EDUFBA. Orcid: 0000-0001-6506-1486; email: ricardosizilio@yahoo.com.br.

RESUMO

Este texto é um esboço biográfico sobre a trajetória de João Augusto Azevedo Filho, autor, ator, diretor, crítico teatral, contrarregra, iluminador, cenógrafo, sonoplasta, figurinista, compositor, entre tantos. A partir da documentação, principalmente, do acervo da Funarte e do Teatro Vila Velha, além de matérias da imprensa, busca-se percorrer os caminhos de João Augusto, entre 1928, ano do seu nascimento no Rio de Janeiro, e 1979, quando morreu, aos 51 anos, em Salvador. Enfatizando a sua produção artística e as suas contribuições para o fazer teatral e para a sociedade, vislumbra-se colaborar para a ampliação do reconhecimento a este importante artista.

PALAVRAS-CHAVE:

João Augusto. Teatro. Bahia.

JOÃO AUGUSTO'S WAYS: for a critical, popular theater and for the people

ABSTRACT

This text is a biographical sketch about the trajectory of João Augusto Azevedo Filho, author, actor, director, theater critic, counter-play, illuminator, set designer, sound designer, costume designer, composer, among many others. Based mainly on the documentation of the Funarte and Teatro Vila Velha collections, in addition to press articles, we sought to walk the paths of João Augusto, between 1928, the year of his birth in Rio de Janeiro, and 1979, when he died, at 51, in Salvador. Emphasizing his artistic production and his contributions to theater and society, he envisions collaborating to expand the recognition of this important artist.

KEYWORDS:

João Augusto. Theater. Bahia.



INTRODUÇÃO

Quando em 1968 o grupo “Teatro dos Novos” apresentou no Teatro Vila Velha a peça *Stopem, Stopem*, de João Augusto, Glauber Rocha disse que aquela era a “mais audaciosa experiência de teatro moderno” que ele tinha visto no Brasil “desde *Rei da Vela e Roda viva*”, e que a peça correspondia a “dez anos de pesquisas e lutas dos teatros jovens do Rio e São Paulo, com um nível de realização e originalidade nunca dantes alcançados” (AZEVEDO, 1969). Vê-se que o cineasta, que já tinha rodado *Deus e o diabo na terra do sol*, indicado à Palma de Ouro do Festival de Cannes, era um entusiasta do trabalho de João Augusto, tanto que ainda disse que “se no passado a Bahia teatral deve muito a Martim Gonçalves, no presente está a dever muito a João Augusto” (AZEVEDO, 1969).

Estas palavras elogiosas e de reconhecimento ao trabalho do autor e diretor de *Stopem, Stopem* demonstram a importância de João Augusto para o teatro, e não apenas para o teatro da Bahia. É por isso que este texto busca seguir alguns dos caminhos de João Augusto Azevedo Filho, autor, ator, diretor, crítico teatral, contrarregra, iluminador, cenógrafo, sonoplasta, figurinista, compositor, entre tantos, a fim de contribuir ainda mais com o reconhecimento desse artista, um dos primeiros professores da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fundador do Teatro Vila Velha, que era carioca de nascimento e baiano por convicção.

RIO DE JANEIRO: DO TEATRO ESCOLAR A AUTOR PREMIADO

“Baiano por acaso, hoje por convicção” (GRAÇAS, 1972) ou “baiano honorário” (AZEVEDO, 1969), como foi descrito em algumas matérias, João Augusto Azevedo Filho nasceu no Rio de Janeiro em 1928, tendo contato com o teatro através de seu pai, que fez teatro amador e lhe transmitiu o gosto pelo palco (A HISTÓRIA, 1956).



Segundo o próprio João, esse gosto começou muito cedo, e aos nove anos sua peça *O Rei que virou jacaré* fez sucesso no teatro de fantoches, na escola em que estudava. Anos mais tarde, em 1945, quando tinha 17 anos, passou a de fato acompanhar o movimento teatral do Rio de Janeiro. Esse pode ter sido o motivo para que ele tenha frequentado o Colégio Pedro II apenas até o 2º ano clássico (A HISTÓRIA, 1956). A partir de então, o homem que dizia que “o teatro é sintoma do que acontece no mundo” (GRAÇAS, 1972) teve sua vida inteiramente ligada à arte e ao fazer teatral.

No “Teatro do Estudante do Brasil” (TEB), grupo criado para a formação de “autor, ator, diretor, crítico, cenógrafo, espectador” (PROGRAMA, 1948a) e para a montagem de textos clássicos, fundado por Paschoal Carlos Magno, um dos mais relevantes incentivadores da atividade teatral no país, João Augusto participou pela primeira vez de uma grande montagem. No TEB, indiscutivelmente uma importante escola para ele, fez parte da principal montagem do grupo, *Hamlet*, como assistente de orquestra, dirigida pelo maestro Walter Schultz Portoalegre (PROGRAMA, 1948a). A



IMAGEM 1

Programa de Hamlet (1948). Fonte: Acervo Funarte.

IMAGEM 2

A Matrona de Efeso (1952). Fonte: Acervo Funarte.



peça que estreou em janeiro de 1948, antes dele completar 20 anos, fez grande sucesso no Rio de Janeiro, sendo também encenada no Teatro Municipal de São Paulo em maio daquele ano (PROGRAMA, 1948b). Contudo, sua passagem pelo TEB não foi longa, já que não há indícios de que ele tenha participado de outras montagens ou mesmo da turnê que o grupo fez no início de 1952 pelo Norte do país (FONTANA, 2016, p. 330-333).¹

Ainda em fins da década de 1940, João Augusto foi um dos fundadores do “Teatro de Fantoches de Brighela” (PROGRAMA, 1952). Também participou do “Teatro 48”, “grupo que decidiu fazer teatro para o seu prazer, levando peças curtas de valor” (O TEATRO, 1952). O grupo de “idealistas”, que também tinha entre seus integrantes Claude Vincent e Roberto de Cleto, não durou muito tempo porque alguns dos integrantes se mudaram para a Inglaterra (O TEATRO, 1952). Nesse contexto, em 1948 João adaptou para o teatro o texto *A Matrona de Efeso*, sua “primeira tentativa de autor teatral”, encenada quatro anos mais tarde (PROGRAMA, 1952).

O início dos anos 1950 continuou intenso na vida de João Augusto. Em 1951 começou a trabalhar na Rádio Nacional, concursado como técnico em comunicação social (JOÃO AUGUSTO, s/d-a). Em outubro daquele ano foi um dos que fundaram “O Tablado” com Maria Clara Machado e Martim Gonçalves, diretores artísticos da companhia (ATA, 1951). Ficou na companhia até 1956, atuando na maioria das peças, inclusive em *Pluft – o fantasma*, principal montagem até hoje, que imediatamente teve grande sucesso, sendo encenada também em São Paulo.² Além de atuar, foi contrarregista, sonoplasta e fez execução de uma das peças do grupo.³ Nesse período, também cursou iluminação com Ziembskiy (JOÃO AUGUSTO, 1955), considerado o primeiro encenador do moderno teatro brasileiro.

1 Segundo Fabiana Fontoura, entre janeiro e março de 1952 o TEB fez turnê, se apresentando em Manaus, Belém, São Luiz, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife.

2 João Augusto participou de *Pluft*, que estreou em 1955. E em abril do ano seguinte a peça foi encenada em São Paulo, muito provavelmente com a participação de João. Mas não consta a participação de João em outras peças do “O Tablado” encenadas a partir de 1956.

3 Os programas das peças do “O Tablado” demonstram que João e outros membros fizeram diversas funções nas encenações do grupo.

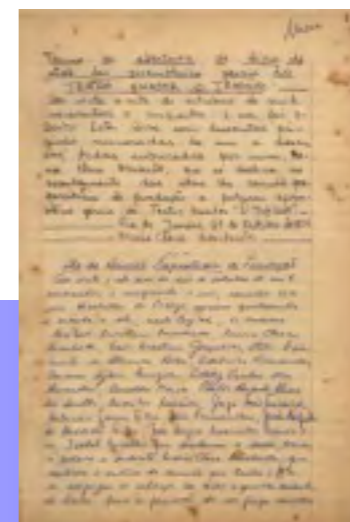


IMAGEM 3

Ata de fundação de O Tablado (1951). Fonte: Acervo O Tablado.

IMAGEM 4

Puft - o fantasma
(1955) (Esq/ Dir):
João Augusto, Eddy
Resende e Roberto
de Cleto. Fonte:
Acervo O Tablado.



Concomitante ao “O Tablado”, João Augusto, Roberto de Cleto e Geraldo Markhan criaram em 1952 o “Teatro Sem Nome” (O TEATRO, 1952; MAGALDI, 1952). Segundo João Augusto, o grupo ambicionava fazer

o que parece muito fácil, e o que todos dizem que fazem: um teatro de equipe, onde o diretor de uma peça seria o cenógrafo de outra, e o ator de uma terceira. Gostamos de teatro e não nos serviremos dele para nossas vaidades [...] iremos devagar, ninguém será indispensável e todos poderão fazer alguma coisa (O TEATRO, 1952).

Foi com essa perspectiva que João estreou como autor, com a adaptação de *A Matrona de Efeso*, peça em um ato, encenada no Teatro Duse em novembro daquele ano, dentro do Festival Autor Novo (PROGRAMA, 1952).

A ideia de que o teatro não deveria servir para as vaidades foi levada a sério, de tal forma que o nome dos quatro atores da peça não foi divulgado, tampouco quem dirigiu, sendo provável que



tenha sido uma direção coletiva (PROGRAMA, 1952). Ainda sobre *A Matrona*, Claude Vincent escreveu elogiosamente que, “reestudando a famosa história”, João Augusto “conseguiu dar um cunho fino e elegante, e também um feitiço novo a história”, e que “para a formação teatral”, o grupo “provavelmente escolheu o caminho mais certo, o da pesquisa coletiva” (A MATRONA, 1952).

Nesse contexto, entre 1952 e 1953, João Augusto escreveu a primeira peça sua premiada, *A história de Jerônimo e Maria*, “inspirada em um tema da literatura de cordel, em uma dessas histórias ingênuas e fantásticas que andam pelo Nordeste em livretos baratos e na boca de violeiros – é a peça de um homem que trocou a mulher por uma vaca” (A HISTÓRIA, 1956). De acordo com João, para escrevê-la, esteve na Bahia, em Salvador e no interior, colhendo material. Três anos após escrevê-la com pseudônimo de Didina Guerra, venceu o concurso Martins Pena de 1956, promovido pelo Jornal de Letras e patrocinado pelo Serviço Nacional de Teatro (A HISTÓRIA, 1956). O pseudônimo para o texto submetido foi Didina, mas poderia ter sido Mané Rimbaud, pois até 1954, quando a peça ainda tinha como título provisório *A esposa trocada*, conforme os originais, João usava este (AZEVEDO FILHO, 1954).

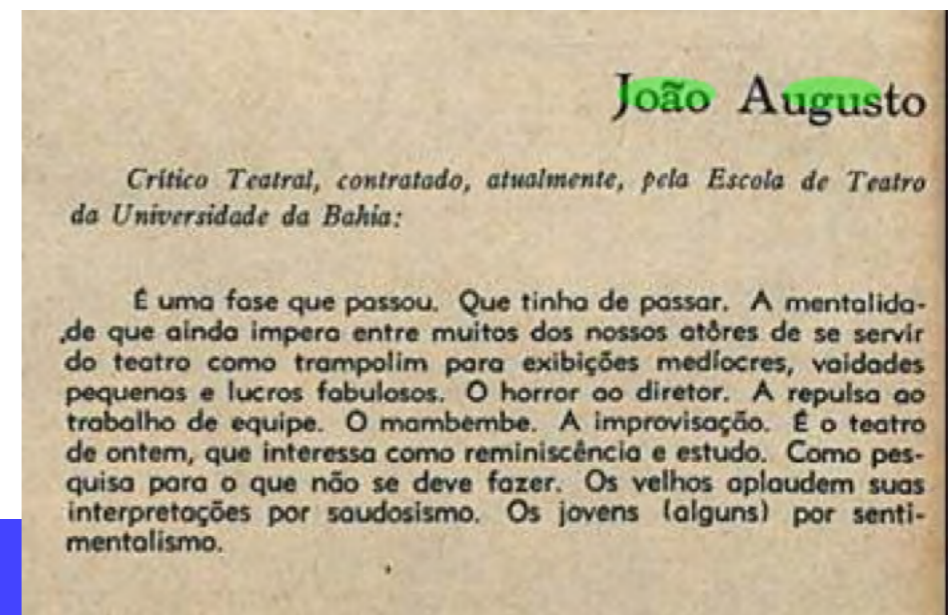


IMAGEM 5

Matéria sobre a premiação da peça *A história de Jerônimo e Maria* (1956).
Fonte: Acervo O Tablado.

IMAGEM 6

Crítica de João Augusto sobre Procópio Ferreira (1957). Fonte: Revista A Cigarra.





A *história de Jerônimo e Maria*, que era, “antes de tudo, uma experiência”, venceu outros 59 concorrentes, tendo como prêmio a sua encenação, além do valor em dinheiro para o autor (A HISTÓRIA, 1956). Mas a peça que deveria ter sido representada pela Companhia Dramática Nacional não saiu do papel naquele momento. Ao que tudo indica, em retaliação às críticas teatrais escritas por João para a *Tribuna da Imprensa* e *O Semanário*, a partir de 1955.⁴

A não encenação fez Paulo Francis, outro crítico teatral, sair em defesa de João, afirmando que ele

era autor, e autor de talento, coisa rara na maloca. Não somos nós, somente, amigos e admiradores, que dizemos isso. [...] Sua peça foi lida com prazer e admiração por profissionais da estatura de Gianni Ratto. [Mas, apesar disso], empresário algum ousará, por muito tempo ainda, encenar [a peça com] receio de ofender a seus colegas, críticos e, talvez a si próprio, pois João a ninguém poupou em sua seção. [...] E a despeito de prejudicar-se como autor, continuou como crítico como sempre (FRANCIS, 1957).

Paulo Francis estava certo, afinal, a peça só foi encenada anos depois, em 1961, quando João já morava na Bahia há alguns anos, além de não escrever suas críticas para a *Tribuna da Imprensa*. A estreia da peça ocorreu no Teatro Armando Gonzaga, com o nome *A história do homem e da vaca*, dirigida por Roberto de Cleto (TEATRO, 1961), um dos membros do “Teatro 48”, “Teatro sem Nome” e que contracenou com João no “O Tablado”.

As críticas que muito provavelmente fizeram *A história de Jerônimo e Maria* não ser encenada imediatamente após vencer o concurso, seguramente também fizeram João, no auge dos seus 27 anos, se tornar mais conhecido e admirado e, muito provavelmente, ter alguns desafetos na cena teatral do Rio de Janeiro. Ele começou a escrever sobre o teatro, eventualmente, quando Claude Vincent adoeceu em 1955 e precisou de alguém para substituí-lo. Para essa nova empreitada chegou a ir a São Paulo para “ver teatro” e escrever sobre o que estava sendo produzido (JOÃO AUGUSTO, 1955). Em abril de 1956 assumiu a titularidade da coluna sobre teatro da *Tribuna da Imprensa*, após Claude Vincent se mudar para Inglaterra a fim de realizar seu tratamento de saúde (CLAUDE, 1956). As críticas de João certamente eram duras, a ponto de *A Cigarra*, ao fazer a retrospectiva daquele ano, escrever que “no setor da

⁴ No acervo da *Hemeroteca Digital*, há textos de João Augusto na *Tribuna da Imprensa* a partir 1955.



crítica João Augusto e Paulo Francis foram os mais violentos”, enquanto “Henrique Oscar, o mais equilibrado” (O TEATRO, 1958).

Em uma dessas críticas, ao comentar sobre Procópio Ferreira, escreveu que

a mentalidade que ainda impera entre muitos de nossos atores de se servir do teatro como trampolim para exhibições medíocres, vaidades pequenas e lucros fabulosos. O horror ao diretor. A repulsa ao trabalho em equipe. O mambembe. A improvisação. É o teatro de ontem, que interessa como reminiscência e estudo. Como pesquisa do que não se deve fazer (PROCÓPIO, 1957).

No ano anterior em que foi considerado um dos mais violentos críticos teatrais, João Augusto foi por acaso um dos protagonistas da cena teatral do Rio de Janeiro. Isso porque *O macaco da vizinha* foi descoberto por ele em “uma velha livraria, humilde, quase pedindo desculpas por estar ocupando espaço”(LONGO, 1956). A peça, escrita em 1875 por Joaquim Manuel de Macedo (também autor de *A moreninha*), com o pseudônimo de dr. Macedo, imediatamente foi lida, transformando-se “em um dos mais aplaudidos espetáculos” de 1956, tendo sido encenado pelo “O Tablado” (LONGO, 1956).

No começo do ano seguinte, João foi transferido da Rádio Nacional para o Serviço Nacional de Teatro, exercendo o cargo de professor do Conservatório Nacional de Teatro (CAMPOS, 1957). Isso pode ter influenciado Martim Gonçalves a lhe convidar para trabalhar na recém-criada Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Mas também pode ter sido o inverso, foi o convite prévio que impulsionou a transferência da Rádio para o Conservatório. Não custa lembrar que os acontecimentos não são necessariamente sucessivos, em muitos casos concomitantes. Tanto que, mesmo João Augusto estando em Salvador a partir do segundo semestre de 1957, até decidir fixar-se na cidade, continuou escrevendo para a *Tribuna da Imprensa*.



BAHIA: DA ESCOLA DE TEATRO AO TEATRO VILA VELHA

Do Teatro do Estudante do Brasil, em 1947, até receber o convite do diretor da Escola de Teatro, Martim Gonçalves, para dirigir o Departamento de documentação da Escola de Teatro da UFBA (UMA ESCOLA, 1957) e ser professor da disciplina História do Teatro e do curso de formação do autor (JOÃO AUGUSTO, s/d-b), em 1957, João Augusto vivenciou intensamente o fazer teatral. Nessa década, entre tantas coisas, atuou, dirigiu, escreveu, participou de vários grupos, foi premiado, tornou-se crítico teatral e professor. Esse é o grande período de sua formação, sem esquecer, óbvio, que desde a infância João tinha algum contato com o teatro, ao se levar em consideração a montagem da sua peça escolar, provavelmente sua primeira ligação com o mundo do teatro, em 1937.

Se é no Rio de Janeiro que João Augusto tem sua formação teatral forjada, é na Bahia, nas duas décadas seguintes, que ele consolida e amadurece seu fazer teatral, colocando seu nome como uma das grandes figuras do teatro. O convite que mudou a vida de João foi feito por Martim Gonçalves, que sabia das virtudes e do temperamento daquele jovem de 29 anos, afinal, desde os tempos de “O Tablado” que eles trabalhavam juntos. Para a imprensa, antes da chegada de João à Bahia, Martim o descreveu como um “jovem, combativo e aplaudido crítico de teatro” (UMA ESCOLA, 1957).

Contudo, João Augusto não permaneceu muito tempo na Escola de Teatro, e a relação com seu antigo diretor artístico teve contornos inesperados, a ponto de Martim no calor de uma discussão, possivelmente, ter chamado de desonestos João e Gianni Ratto, também ex-professor da Escola (SANTANA, 2011, p. 274-280). Há versões conflitantes sobre tudo o que envolveu a saída de João da Escola: se ele tomou partido dos alunos e de Ratto nos desentendimentos com Martim; se já havia rugas entre ele e o diretor; se havia projetos de teatros distintos entre Martim e João; e até mesmo se ele foi ofendido por Martim.



O fato é que o afastamento de João da Escola de Teatro, a pedido ou não, aconteceu no segundo semestre de 1959, em meio a uma série de conflitos entre o corpo discente e Martim, que repercutiu na imprensa baiana. Todo esse desentendimento, com várias versões até hoje, fez um grupo de 15 estudantes, às vésperas de se formar, deixar de frequentar a Escola de Teatro (SANTANA, 2011, p. 274-280).

Após sua exoneração, João decidiu permanecer na Bahia, dirigindo a Sociedade Teatro dos Novos, o primeiro grupo de teatro profissional do estado, imediatamente formado por alguns dos estudantes que não concluíram o curso na Escola de Teatro. João Augusto, inclusive, afirma ter recusado “uma bolsa para o curso de ‘playwriting’⁵ (formação de autor) nos Estados Unidos, porque não quis deixar sua nova terra e o grupo que formou” (AZEVEDO, 1969). Com a liderança de João, no começo dos anos 1960 “Os Novos” (que tinha como fundadores, Sônia Robatto, Othon Bastos, Carlos Petrovich, Echio Reis, Tereza Sá, entre outros) fizeram inúmeras peças “ao ar livre ou em escolas, hospitais, faculdades e clubes” (AZEVEDO, 1969), sobretudo, a fim de angariar recursos para a construção de um espaço para a companhia. Em 1961, por exemplo, chegaram a se apresentar na Casa da França, subvencionados pela Universidade Federal da Bahia (SANTANA, 2011, p. 450).

Para Jussilene Santana, de alguma forma “Os Novos” se beneficiaram de certa animosidade construída na imprensa em torno da figura de Martim Gonçalves, impulsionada com o caso da saída dos estudantes da Escola de Teatro. Não obstante o grupo imediatamente após deixar a Escola de Teatro ter sido bastante criticado, com o passar do tempo “Os Novos” passaram a receber apoio dos antigos críticos. Para Odorico Tavares, crítico teatral e um dos principais opositores ao trabalho de Martim, o grupo acabava por ser uma oposição ao que era feito pelo diretor da Escola de Teatro, o que não é necessariamente uma verdade absoluta. Esta propagada oposição estimulou Tavares a fazer uma campanha em favor do grupo, defendendo em sua coluna que “Os Novos” precisavam ser “apoiados e prestigiados”, tendo em vista que eles levavam “avante um programa de trabalhos em favor do teatro, de mais puro idealismo” (SANTANA, 2011, p. 353-355).

Nesse contexto, muito provavelmente pela articulação de membros do grupo com autoridades políticas, em 1962 foi doado pelo Governo do Estado um terreno no Passeio Público para a construção de um teatro para “Os Novos”. Dois anos depois o Teatro Vila Velha foi inaugurado, em julho de 1964, sendo palco de diversas atividades culturais em seus seis primeiros meses. E em

5 É provável que em outro momento João Augusto tenha feito este curso, tendo em vista que em seus documentos pessoais que estão no acervo do Teatro Vila Velha consta um pequeno resumo das atividades desenvolvidas por ele, dentre as quais o “playwriting”.



dezembro ocorreu o primeiro espetáculo de teatro, *Eles não usam bleque-tai*, sucesso de público e crítica, que João Augusto dedicou “aos habitantes dos Alagados”, agrupamento aviltante onde moram milhares de baianos” (AZEVEDO, 1969).

Sem “Os Novos”, João Augusto também trabalhou intensamente na primeira metade da década de 1960. Antes da inauguração do Teatro Vila Velha, em 1962, no Rio de Janeiro, dirigiu *As pequenas raposas*, que estreou no Teatro Maison de France.⁶ Neste ano também foi assistente de direção no filme *Sol sobre a lama*, dirigido por Alex Viary (DETESTA, 1963). Em 1964 voltou a lecionar na Escola de Teatro,⁷ isso porque era funcionário do Serviço Nacional de Teatro, órgão do Ministério da Educação e Cultura, cedido para cooperar com os trabalhos da Escola, ministrando no curso de Teatro. Importante dizer que nesta época Martim Gonçalves já tinha se desligado da instituição, o que muito provavelmente contribuiu para o retorno de João à Escola de Teatro.

Entre a saída de João Augusto da Escola de Teatro em 1959 e seu retorno cinco anos depois, o SNT o designou “para estudar as condições de teatro profissional e amadorista no estado da Bahia [...] pesquisando material artístico do folclore local, de interesse para o museu do SNT”. Como as designações eram renovadas semestralmente, as atribuições modificavam, como em 1961, quando o redator do SNT passou a ter “a missão especial de orientar e dirigir grupos de amadores, no estado da Bahia” (JOÃO AUGUSTO, s/d-a).

Como se vê, João Augusto continuou na Bahia sem perder seu cargo no SNT. Provavelmente a sua produção com “Os Novos” no começo dos anos 1960 o ajudou nos processos de pedidos de prorrogações para permanecer na Bahia. Durante a sua permanência no Estado, além da Escola de Teatro, João foi cedido para outros órgãos públicos, como o Arquivo⁸ e a Secretaria de Educação, que para ele era “melhor”. Em suas palavras, porque “não tenho ponto e vou quando quero. Tenho licença para pesquisar, o que me deixa livre” (JOÃO AUGUSTO, s/d-a).

Concomitante ao seu trabalho no SNT, em 1965 João Augusto abriu as portas do Teatro Vila Velha para outras formas de arte. Segundo Caetano Veloso, ele “planejou um roteiro de programações, fazendo no Vila Velha uma semana inteiramente dedicada a variadas manifestações de artes, um desses dias era para a música popular. [...] O sucesso foi enorme e motivou a ida de Bethânia para o Rio” (AZEVEDO, 1969). Neste, e no ano seguinte, dirigiu espetáculos de poesia e música, como os de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Piti no Vila Velha, palco da estreia

⁶ No site “Todo teatro carioca”, é possível pesquisar as peças que tiveram a participação de João Augusto no Rio de Janeiro.

⁷ De acordo com Márcio Meirelles, o retorno de João Augusto para a Escola de Teatro foi em 1963 (MEIRELLES, 2003). Todavia, a documentação acessada indica que este retorno ocorreu em 1964.

⁸ Não é possível identificar a que se refere este arquivo, se é um órgão, como o Arquivo Público do Estado da Bahia, ou se é apenas um setor de alguma instituição que ele foi designado. Ademais, o documento não está datado, o que impede analisar em qual contexto houve essa designação.



de muitos “Tropicalistas”. Ainda fez parceria em algumas composições, com Piti, em *Despedida e Enredo*, Gilberto Gil, em *A Roda*, Edil Pacheco, em *Ensinança*, Joni Maza, em *Joãozinho e a pipa* e Fernando Lona, em *Venha e Beira Mágoa*, para a trilha sonora da peça *Quincas Berro d’água*.⁹

Todas as atividades executadas por João Augusto nos primeiros dez anos residindo em Salvador fizeram ele se tornar uma figura importante da cena artística da cidade. De tal forma que, em 1967, se tornou o diretor artístico do Teatro Castro Alves, principal equipamento teatral do Estado. Para a inauguração, com programação que durou um mês, João Augusto não escolheu nenhum dos grupos teatrais do estado, o que fez ser criticado na imprensa. Em sua defesa, disse que “nenhum grupo da Bahia tem espetáculo agora para ser apresentado neste período. [E como era] contra as remontagens numa inauguração. E não havia tempo para se produzir um espetáculo novo”, optou por não convidar os grupos locais (AZEVEDO FILHO *apud* JESUS, 2008, p. 35).

Mesmo sem qualquer grupo do estado participando da inauguração, João entendia que o TCA deveria servir de “mercado para os grupos existentes, comprando ou encomendado espetáculos”, tendo “salas de ensaio, depósito para todos os grupos guardarem os materiais usados nos espetáculos, e a criação de uma biblioteca especializada” (AZEVEDO FILHO *apud* JESUS, 2008, p. 34). E o fato de ter sido o primeiro diretor do equipamento não o impediu de ser crítico à sua construção, o que serve para entender um pouco a forma que ele via o mundo. Em suas palavras,

a falta de visão dos nossos governantes políticos no terreno das artes levou à construção na Cidade de um Teatro-Monstro, mal projetado técnica e culturalmente. Sua conservação, programação, etc. constituiria um sério problema até num grande centro urbano. Mesmo uma Cidade que tivesse uma variedade social e artística tão desordenada como intensa, o Teatro Castro Alves criaria problemas consideráveis. A criação de pequenos teatros-de-bairro nos locais mais populosos da Cidade não foi prevista nem considerada pelo Governo responsável pelo Castro Alves (AZEVEDO FILHO *apud* JESUS, 2008, p. 35).

Além de dirigir o TCA, o Vila Velha e “Os Novos”, em 1967 a peça *Os corruptos*, que tinha entre outros, Tônia Carrero, Paulo Gracindo, Othon Bastos (um dos fundadores de “Os Novos”) e Raul Cortês, foi dirigida por João Augusto.¹⁰ *Os Corruptos*, assim como *As pequenas raposas*, teve cenário de Gianni Ratto, antigo colega de João na Escola de Teatro, o que demonstra a permanência

⁹ No *site* do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) é possível ter acesso a todas as composições de João Augusto.

¹⁰ No acervo da Funarte e no *site* “Todo teatro carioca” consta a direção de João Augusto nesta peça.



das conexões de João com antigos parceiros do eixo Rio-São Paulo. Apesar de ter dirigido essas peças no Rio de Janeiro, a produção artística de João Augusto nos anos 1960 e 1970 está centralizada na Bahia. Isso porque, de acordo com Glauber Rocha, “João Augusto resistiu a muitos chamados das províncias do Rio e São Paulo em nome de uma possibilidade do ‘teatro baiano’” (AZEVEDO, 1969).

João Augusto optou em permanecer para fazer, como ele dizia, “teatro na Bahia, em lugar de baiano”, que suportava “tudo, graças a Deus e ao Diabo” (GRAÇAS, 1972). Já que teatro suportava tudo, foi a partir de 1966, com as peças do Teatro de Cordel, que João solidificou ainda mais a importância de seu nome para o teatro. Para Marconi Araponga (2011, p. 22-23), o Teatro de Cordel de João Augusto tinha a música como destaque, além de ser “eminentemente político, alinhado à esquerda, de feições populares, que, entre outras características, pretendia ensinar a população a pensar, discutir, lutar por melhores condições de vida e por democracia”. Na Bahia, João Augusto foi o responsável pelo “aprofundamento da pesquisa e a consolidação dessa forma teatral”, com suas peças encenadas inicialmente pelos “Os Novos” e em seguida pelo “Teatro Livre da Bahia”, que ele passou a também dirigir em 1970 (ARAPONGA, 2011, p. 22-23).

Inegavelmente, João Augusto foi um dos principais nomes e um dos precursores do Teatro de Cordel no Brasil. Nesse sentido, não custa lembrar que João em 1956 ganhou um prêmio com sua peça inspirada nas histórias de cordel, escrita em 1952-53, após ele estar em Salvador e no interior do Estado. Além disso, João também foi o responsável pelo setor de literatura de cordel, cerâmica e meios mecânicos, da Escola de Teatro, na Bienal de São Paulo em 1958 (JOÃO AUGUSTO s/d-b). Isto tudo serve para demonstrar que a ligação de João Augusto com a literatura de cordel é bem anterior a 1966.

Nas palavras de João Augusto,

o Teatro de Cordel é uma experiência nova: o aproveitamento dessa Literatura Popular em termos de teatro. Alguns autores brasileiros tentaram o caminho da Literatura Popular aproveitando temas, adaptando trechos, usando personagens, inspirando-se nessa fonte. A experiência de ‘encenar folhetos’ busca uma linguagem teatral para eles ainda inédita. A ideia surgiu quando lançamos paralelos entre a obra de Gil Vicente e nossa Literatura Popular, no



espetáculo Estórias de Gil Vicente. Fato, diga-se de passagem, também inédito (embora os gênios que passeio entre as acácias baianas tenham torcido o nariz para esse espetáculo) (AZEVEDO FILHO *apud* JESUS, 2008, p. 34).

Dentre algumas encenações do Teatro de Cordel, iniciadas na segunda metade da década de 1960, cabe citar: *Teatro de cordel* (1968), *Cordel 2* (1972-73), *Cordel 3* (1973/1975), *1,2,3 Cordel* (1974) e *Oxente gente, Cordel* (1977-78), dirigidas e com texto escritos ou adaptados por João Augusto (JESUS, 2008, p. 43-47).

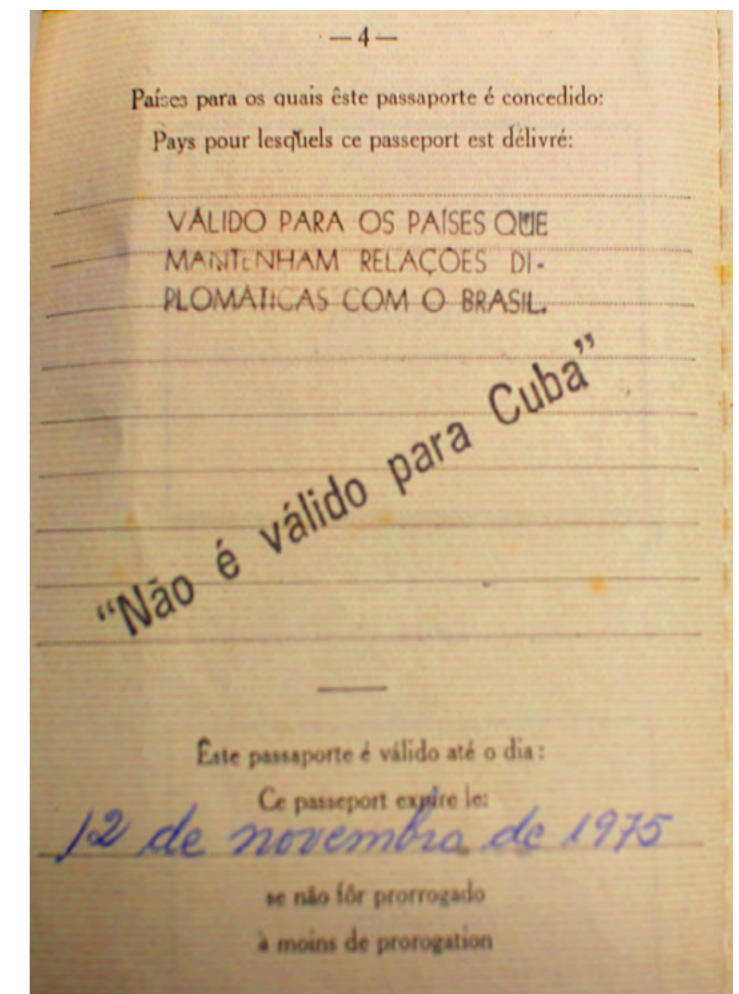
Ao contrário do que se possa imaginar, as peças de João Augusto não foram encenadas apenas no Teatro Vila Velha. Algumas circularam pelo interior da Bahia, por outros estados e pelo exterior, como foi o caso de *Cordel 3*, que participou do Festival de Nancy, na França, em 1975, e *Quincas Berro d'Água* e *Os Sete Pecados Capitais*, que em 1976 foram para o Festival Internacional de Teatro de Caracas, Festival Internacional de Teatro de Bogotá e o Festival Mundial de Teatro, no Panamá (SILVA, 2012, p. 66).

IMAGEM 8

Passaporte de João Augusto com impedimento de ir a Cuba (1973). Fonte: Acervo Teatro Vila Velha.

IMAGEM 7

João Augusto e Jorge Amado.
Fonte: Acervo Xisto Bahia in JESUS, 2008, p. 34.





A vasta produção de João Augusto obviamente traz em seu âmago a perspectiva teatral dele, que acreditava “na essência de um teatro na Bahia se ele for popular” (FERREIRA, 1968). Todavia, essa deveria ser a essência, mas não o único caminho, já que ele também afirmava “acreditar em muita coisa, procurando não ter preconceito com nenhuma forma”. Nesse sentido, dizia ele,

há quem torça o nariz para o não intelectual, para o subjetivo, para o inconsciente, para o irracional, para o místico. Pois bem: tudo isso, esse “lixo da cultura” me interessa também [...] é a beleza a minha maior preocupação, juntamente com a liberdade. Acho que a gente tem a obrigação de fazer, ou procurar fazer sempre as coisas de um modo bonito, já que estamos fazendo arte. Este bonito não exclui o sujo, o feio (AZEVEDO, 1969).

A visão que acompanha a trajetória de João Augusto na Bahia é, sobretudo, a de um teatro popular, pelo povo, profissional, crítico, político e bonito, o que não excluía o feio. E, quando perguntado sobre o teatro baiano, ele disse que “o essencial é ser baiano antes de tudo e deixar o provincianismo, capeado de “atualizado”, cosmopolita e outras bossas. É preciso esquecer um teatro do sul e partir para um mais próximo da gente” (AZEVEDO, 1969). Fazendo dessa forma, teve sucesso de público e crítica em boa parte de suas peças, como em *Eles não usam blaquetai* (1964), *Stopem, Stopem* (1968), *GRRRrrrr!* (1970) e *Quincas Berro D’água* (1972), adaptação de um dos principais livros de Jorge Amado. Além do reconhecimento de público e crítica, João ainda foi premiado por *Quincas Berro d’água*, *Cordel II*, *GRRRrrrr!*, *Pinóquio*, entre outras (JESUS, 2008, p. 43-47).

Outra fase de João Augusto começou a partir de 1977, quando o “Teatro Livre” saiu dos muros do teatro e fez o *Teatro de rua*, encenando as peças de cordel nas praças da cidade (SILVA, 2012, p. 75). Essa fase sem dúvida foi importante, mas não é demais lembrar que teatro na rua não era necessariamente uma novidade para João, que já tinha feito algumas encenações desse tipo com “Os Novos” assim que o grupo foi fundado, obviamente que em outro contexto e com outros objetivos.

O desejo de encenar peças nas ruas tinha motivos e finalidades, nas palavras de João, ditas anos antes desta “nova” fase,



não há condições para se fazer teatro para o povo. O que fazemos é um teatro pelo povo, em nome do popular, [...] divulgando e prestigiando a cultura popular. [...] Pessoalmente, acho que teatro para o povo deve ser feito na rua. Povo não frequenta teatro. Não tem esse privilégio. [...] Gostaria de apresentar na rua durante o carnaval (AZEVEDO FILHO *apud* SILVA, 2012, p. 65).

Reforçando esta perspectiva, Benvindo Siqueira, que participava do “Teatro Livre”, disse que a encenação de estreia do *Teatro de rua* foi em “homenagem aos trabalhadores, na Praça da Piedade, exatamente onde haviam sido enforcados os líderes da Revolta dos Alfaiates. Era um ato político, popular, de resistência à ditadura” (SIQUEIRA, Benvindo *apud* JESUS, 2008, p. 40).

A declaração de Benvindo mostra o viés político de João, que em 1964 já tinha dedicado o espetáculo de inauguração do Vila Velha à população dos “Alagados”. Esse engajamento e a sua busca por fazer um teatro mais próximo da gente, do povo, não passou ileso pela ditadura militar, instituída através do golpe de 1964. A perseguição política e a falta de liberdade também impuseram limites a João Augusto, que teve trechos de peças censurados, além de outras que foram integralmente impedidas de ser encenadas, como *Quem não morre não vê Deus*, *O Marido que passou o cadeado na boca da mulher* e *As Bagaceiras do amor*, em 1974 (JESUS, 2008, p. 57).

Sobre a censura, João dizia, por exemplo, que

a razão do interesse permanente e cerrado da Censura pelo teatro não pode ser explicada apenas pelas posições assumidas nos idos de 60, muito menos pela prodigalidade de palavrões que tanto incomodam os ouvidos dos censores. Há uma consciência nítida da função do teatro como veículo de ideias, já que pornochanchadas são toleradas, mas qualquer texto que arranhe fatos da realidade é sistematicamente incomodado, quando não sumariamente proibido. O teatro parece ser o campo de experimentação da Censura, onde os critérios mais rígidos são aplicados e a distensão é apenas notícia de jornal. Qual será o conceito de liberdade para os que dominam? Na verdade não há muitos – apenas este: liberdade é sempre, e exclusivamente, a liberdade de quem discorda de nós. Quem teve a coragem de dizer isso foi uma respeitável Sra. chamada Rosa Luxemburgo, muito amiga de Paulo Francis” (AZEVEDO FILHO *apud* SILVA, 2012, p. 105).



Posicionamentos como esse, que é de 1978, não aconteceram apenas após João Augusto ser vítima do Estado ditatorial com seus censores. Dez anos antes, por exemplo, quando perguntado sobre as restrições ao uso de palavrões nas peças, aproveitou o “ensejo para uma declaração pública de repúdio à Censura que vem insistindo na triste façanha de perseguir e castrar nossos artistas. Isso é imoral” (FERREIRA, 1968).

Como se vê, João era um homem de declarações e posicionamentos fortes, tanto que em 1972 disse: “vivemos sob o genocídio, pois estamos perdendo o senso de humanidade, em nome do progresso e da razão” (GRAÇAS, 1972). Esta frase, sem dúvida, diz muito dos anos 1970 e dos dias atuais, e mostra, para além da sua vasta produção, o quanto que ele era (e é) importante, e não apenas para o teatro.

Muitos dos posicionamentos públicos de João Augusto foram escritos no *Jornal da Bahia* ou no *A Tarde*, no qual ele foi colunista. E entre tantas coisas feitas por João, ele também foi: júri de diversos

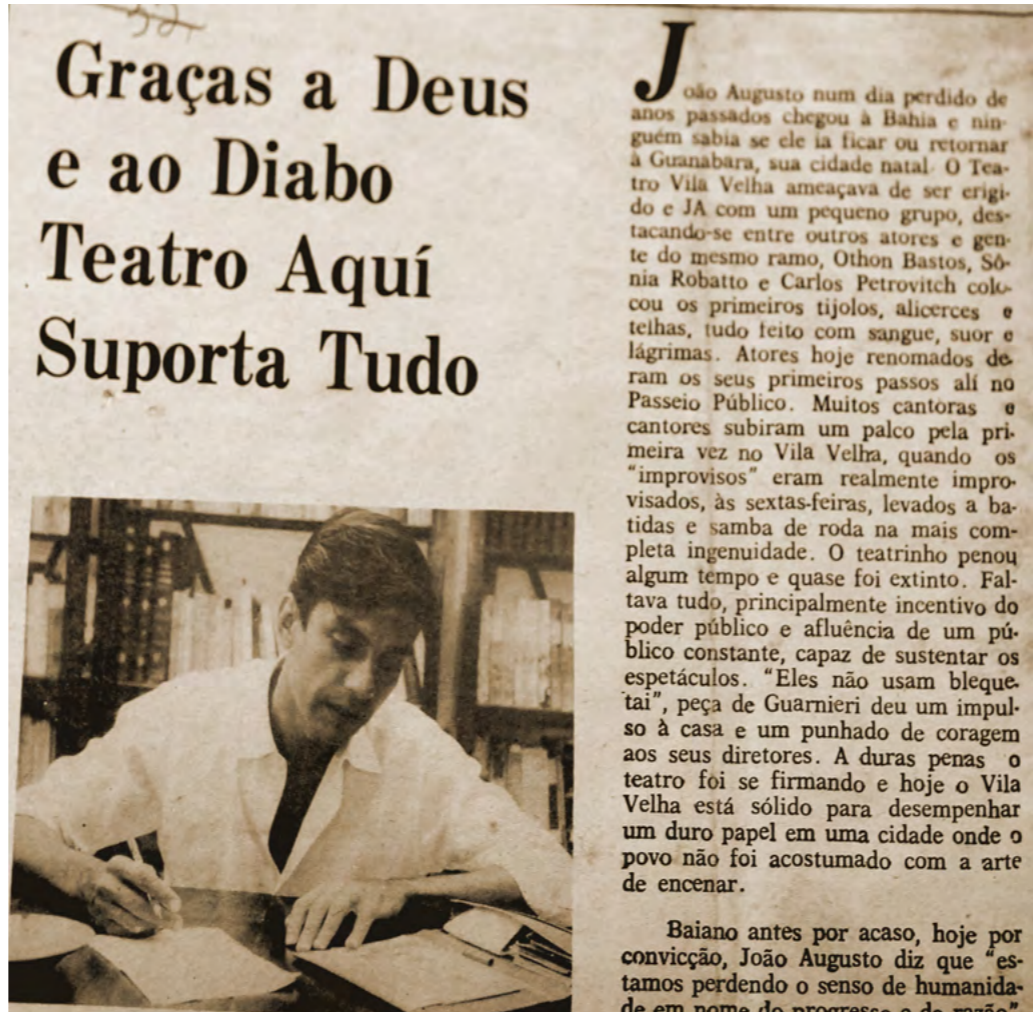


IMAGEM 9

Matéria sobre João Augusto - Jornal da Bahia (1972). Fonte: Acervo Funarte.



IMAGEM 10

Matéria sobre João Augusto - Tribuna da Bahia (1979). Fonte: Acervo Teatro Vila Velha.



concursos, como o Concurso Nacional de Dramaturgia; convidado do Consulado nos EUA para um ciclo de visitas e palestras em algumas cidades estadunidenses, em 1974; convidado para o Encontro de Teatro da América Latina, também nos EUA, em 1979; coordenador do I Seminário de Teatro do ACBEU, em 1970 (JOÃO AUGUSTO, s/d-b). E ele certamente teria produzido muito mais, contribuindo ainda mais para o fazer teatral brasileiro, porém, sua trajetória se encerrou precocemente, em novembro de 1979, ao morrer de câncer aos 51 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, não dá para escrever tudo da trajetória de João Augusto nestas poucas linhas (e sequer era esta a intenção), por outro, entendemos que este texto pode, junto aos demais estudos já realizados sobre o seu fazer teatral, contribuir para jogar mais luz sobre a vida e obra dele.

Antes de finalizar, porém, neste esboço biográfico ainda há espaço para dizer que João foi noivo em meados da década de 1950 (CAMPOS, 1956). Depois disso, pouco se sabe da sua vida afetiva e como isso pode ter influenciado a sua obra, o que mostra a incompletude de qualquer trilhar de uma trajetória.

Também são pouco conhecidos outros aspectos que ultrapassam a produção artística dele, como dificuldades financeiras e frustrações. Em julho de 1971, por exemplo, João escreveu para sua irmã a fim de parabenizá-la pelo seu aniversário. Mas o fez dias depois da data, por isso disse que lembrou,

mas cadê tempo ou dinheiro para o telegrama? Cadê?”. Afirmou ainda que andava “muito deprimido, desde que o Vila fechou [...] e até hoje nenhum sacripanta, nenhum ‘piranha’ veio ajudar, pra ajudar. Na hora de pedir favores, todos se juntam”. Passando por dificuldades financeiras, João pediu a irmã



“300 cruzeiros por mês, pra pagar o aluguel e não passar fome”. E se até setembro a situação não melhorasse, escreveu: “arrumo as malas e vou embora DEFINITIVAMENTE” (JOÃO AUGUSTO, s/d-c).

Os fragmentos dessa carta servem para mostrar a necessidade de também se observar o viés mais humano do artista, menos público, caótico e complexo de todo ser.

Por fim, é preciso dizer que em tempos tão distópicos como o que estamos vivendo, se faz necessário que haja mais Joãos Augustos. Afinal, como escreveu Vieira Neto, ele “foi um grande homem, um grande artista, mas sobretudo gente, humanista, defensor das liberdades democráticas, sensível ao problema de todos nós” (NETO, 1980). E para finalizar, apenas mais um esclarecimento: João era baiano. Isso porque quando ele estava em São Paulo, escreveu a sua amiga Teresa Sá dizendo estar “com saudades enormes da Bahia – terra maldita. A gente tenta se livrar e não pode. Acho que virei baiano mesmo” (JOÃO AUGUSTO, s/d-d). Por isso não há dúvida, sim, João era baiano!

FONTES

- » A HISTÓRIA de Jerônimo e Maria. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 18-19 ago. 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pesq=%22A%20HIST%C3%93RIA%20de%20Jer%C3%B4nimo%20e%20Maria%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=29936>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- » A MATRONA de Efeso. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 03 dez. 1952. Funarte: Pasta João Augusto. Rio de Janeiro.
- » ATA de Fundação de “O Tablado” (28 out. 1951). Acervo histórico de O Tablado. Rio de Janeiro.
- » AZEVEDO, Isis. “Bahia de Todas as Artes”. *A Cigarra*. São Paulo, abr. 1969. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pasta=ano%20>



- [196&pesq=%22bahia%20de%20todas%20as%20artes%22&pagfis=74828](#)>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- » AZEVEDO FILHO, João Augusto. "A esposa trocada", 1954. *Pasta João Augusto*. Funarte. Rio de Janeiro.
 - » CAMPOS, Henrique. "Teatro na RR". *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 08 dez. 1956. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pasta=ano%20195&pesq=%22tr%C3%AAAs%20casamentos%20devem%20ser%20registrados%22&pagfis=19771>>. Acesso em: 02 fev. 2021.
 - » CAMPOS, Henrique. "Teatro na RR". *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 16 mar. 1957. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pasta=ano%20195&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pagfis=20685>>. Acesso em: 02 fev. 2021.
 - » CLAUDE Vincent viaja para a Inglaterra. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 02 abr. 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154083_01&pasta=ano%20195&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pagfis=27049>. Acesso em: 02 fev. 2021.
 - » DETESTA ser galã. *A Cinelância*. Rio de Janeiro, fev. 1963. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=312622&pesq=%22detesta%20ser%20gal%C3%A3%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=15429>>. Acesso em: 02 fev. 2021.
 - » FERREIRA, Jurandyr. "Teatro em foco". *Diário de Notícias*. Salvador, 23 fev. 1968. Funarte: Pasta João Augusto. Rio de Janeiro.
 - » FRANCIS, Paulo. "Teatro". *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 31 jul. 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_04&pasta=ano%20195&pesq=%22amigos%20e%20admiradores%22&pagfis=37762>. Acesso em: 01 fev. 2021.
 - » GRAÇAS a Deus e ao Diabo teatro aqui suporta tudo. *Jornal da Bahia*. Salvador, 27 nov. 1972. Funarte: *Pasta João Augusto*. Rio de Janeiro.
 - » JOÃO AUGUSTO de Azevedo Filho (documentação pessoal – s/d-a). Acervo do Teatro Vila Velha. Salvador.



- » JOÃO AUGUSTO de Azevedo Filho (relatório de atividades – s/d-b). Acervo do Teatro Vila Velha. Salvador.
- » JOÃO AUGUSTO de Azevedo Filho (Carta para Palmyra Tavares Ferreira – s/d-c). Acervo do Teatro Vila Velha. Salvador.
- » JOÃO AUGUSTO de Azevedo Filho (Carta para Teresa Sá – s/d-d). Acervo do Teatro Vila Velha. Salvador.
- » JOÃO AUGUSTO foi a São Paulo. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 11 mai. 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154083_01&pasta=ano%20195&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pagfis=21417>. Acesso em: 03 fev. 2021.
- » LONGO, Pascoal. “O macaco da vizinha”. *A Cigarra*. São Paulo, set. 1956. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pasta=ano%20195&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pagfis=59069>>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- » MAGALDI, Sabato. “Nasce um novo grupo amador: Chama-se “Teatro sem Nome”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 12 set. 1952. Funarte: Pasta João Augusto. Rio de Janeiro.
- » NETO, Vieira. “Teatro em foco”. *A Tarde*. Salvador, 02 dez. 1980. Funarte: *Pasta João Augusto*. Rio de Janeiro.
- » O TEATRO em 1957 foi dos Novos. *A Cigarra*. São Paulo, jan. 1958. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pasta=ano%20196&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pagfis=61410>>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- » O TEATRO sem nome. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 10 set. 1952. Funarte: Pasta João Augusto. Rio de Janeiro.
- » PROCÓPIO 1957: mudou o teatro ou mudou ele? *A cigarra*. São Paulo, jun. 1957. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pasta=ano%20196&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pagfis=60588>>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- » PROGRAMA de Hamlet (1948a). Funarte: *Pasta João Augusto*. Rio de Janeiro.
- » PROGRAMA temporada (1948b) – Teatro Municipal de São Paulo. Funarte: *Pasta João Augusto*. Rio de Janeiro
- » PROGRAMA Teatro sem Nome (1952). Funarte: *Pasta João Augusto*. Rio de Janeiro.



- » TEATRO. *Mundo Ilustrado*. Rio de Janeiro, 04 nov. 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=119601&pesq=%22jo%C3%A3o%20augusto%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=25245>>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- » UMA ESCOLA de teatro. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 jul. 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_03&pasta=ano%20195&pesq=%22UMA%20ESCOLA%20de%20teatro%22&pagfis=62823>. Acesso em: 02 fev. 2021.

REFERÊNCIAS

- » ARAPONGA, Marconi de Oliveira. *Jogo-dentro-do-jogo*: o trabalho de ator no teatro de cordel de João Augusto. 223 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2011.
- » FONTANA, Fabiana Siqueira. *O Teatro do Estudante do Brasil de Paschoal Carlos Magno*. Rio de Janeiro, 2016.
- » MEIRELLES, Márcio. *João Augusto* – Arquiteto. (2003). Disponível em: <https://www.academia.edu/3768839/JO%C3%83O_AUGUSTO_-_NOSSO_CONTEMPOR%C3%82NEO>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- » JESUS, Ludmila Antunes de. *A dramaturgia de João Augusto*: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- » SANTANA, Jussilene. *Martim Gonçalves*: uma escola de teatro contra a província. 776 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro. Salvador, 2011.
- » SILVA, Denise Pereira. *“Ou a gente confia no povo, ou não há solução”*. *Teatro Livre da Bahia e a cultura popular na década de 1970*. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.